



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14017 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

Pesquisa como dança

Carolina Cony Dariano da Rosa - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES/FAPERJ

PESQUISA COMO DANÇA

XXXXXXXXXXXX

Resumo: O presente trabalho apresenta a pesquisa de mestrado, finalizada no início de 2023, tecida por elaborações não fixas e composta por gestos poéticos, inventivos, nos quais a experiência e o acontecimento, são elementos fundamentais no seu processo de criação. Uma pesquisa não “sobre”, nem “com”, mas “como” dança, que carrega em si, elaborações móveis, como numa improvisação, que por si só é investigativa. A composição coreográfica e a composição da escrita, vão sendo criadas a partir das experiências e acontecimentos. Caminhos múltiplos, que vão sendo elaborados, através de ensaios, leituras, partilhas. A dissertação se apresenta por meio da imagem do caderno de artista, objeto afetivo do processo, que convoca a experimentação, expondo os fragmentos, rascunhos, elaborações sinuosas e não definitivas, como um gesto contínuo, dando suporte para uma pesquisa como dança. Uma pesquisa que se fundamenta nos gestos miúdos, nas narrativas e no próprio ato de pesquisar com arte.

Palavras-chave: Pesquisa como dança; Processo criativo; Arte; Educação.

A pesquisa de mestrado que apresento neste texto, finalizada no início de 2023, se trata de uma investigação não “sobre”, nem “com”, mas “como” dança, que carrega em si, elaborações móveis, como numa improvisação, que por si só é investigativa. Ela desliza e se desloca através do movimento dançado, e é elaborada a partir de ensaios, experimentações e composições em dança, que se apresentam como uma epistemologia movente. Uma epistemologia movente não se fixa em um só lugar, ela possui uma qualidade desviante, sinuosa, que irrompe as severas fronteiras entre saberes ou formas de conhecer. Composições artísticas, imagens da memória, leituras e escritas, cotidiano, experiências, miudezas e percursos, são elementos que fundam este modo de pesquisar. Um corpo que dança, conhece e elabora pensamentos ao mover-se. Dessa forma, a pesquisa se fundamenta na potencialidade poética da arte como processo investigativo e formativo e é atravessada, também, pela ideia de uma pesquisa vida (GODOY; RAMALLO; RIBEIRO, 2022), por estar intimamente ligada aos passos, sonhos, suores e respiros de um corpo.

Uma investigação viva, que não se faz na intencionalidade da neutralidade e na insistência em propor distanciamento entre investigador e sua pesquisa, muito pelo contrário, uma pesquisa que parte da experiência e dos acontecimentos vividos, que é composta por gestos artísticos, por modos de fazer em processos criativos, que estão inteiramente ligados com modos de existir. Aberta aos acontecimentos miúdos, encarando-os como recursos epistemológicos para a investigação. Não seria possível realizar uma pesquisa como dança, que não estivesse intimamente relacionada com a vida, por ser “[...] a favor de uma arte que tome suas formas das linhas da própria vida, que gire e se estenda [...]” (OLDENBURG in FERREIRA, 2009, p. 67).

Atuei como professora de dança em uma escola de Educação Infantil Universitária, e partindo das experiências vividas intensamente no chão da escola, me entusiasmei em dar continuidade aos estudos acadêmicos, porque fui percebendo que o que estava vivenciando através da dança no espaço da escola poderia ser considerado pesquisa. Vivenciar o encontro nos espaços escolares como ensaios coletivos, foi a oportunidade de experimentar, através da relação e da inventividade, momentos altamente criativos e investigativos junto das crianças. Não seria o modo como olhamos para os lugares, um incentivo para borrar as definições? Convoco o olhar para esse espaço formativo, de maneira a enxergá-lo como lugar para ensaiar, inventar, construir e desconstruir. Não seriam, os modos de fazer artísticos, formativos? Uma formação, que não exclui a sensibilidade (ANTÔNIO, 2009), mas que se fundamenta nela?

A escola, para mim, é vista como espaço potente de encontros afetivos, um espaço de inventividade, que se faz através do encontro, na relação. A pesquisa afirma seu lugar poético e suas performatividades constantes nas relações entre crianças e professoras, dos tantos imprevistos, improvisos e composições que acontecem diariamente e que podem ser considerados criações em coletivo, porque são modos de estar junto, afetivamente. A pesquisa

reverência a escola como um ambiente de possibilidades poéticas, performativas, relacionais e inventivas. Um ambiente-escola (MARTINS; SAMPAIO, 2021), [...] num sentido mais aproximado a um palco de relações, um retalho de subjetividades bordado em encontros. Espaço de atravessamentos de diferentes cores, crenças e modos de existir.” (MARTINS; SAMPAIO, 2021, p. 08).

A dissertação se apresenta por meio da imagem do caderno de artista, objeto afetivo do processo criativo, que convoca a experimentação, expondo os fragmentos, rascunhos, elaborações sinuosas, não fixas e não definitivas, como um gesto inacabado (SALLES, 1998). No caderno, podemos guardar uma imagem para ali descansar, e talvez, tornar-se outra coisa. Ou apenas para que se mantenha ali, quase como um segredo que deseja ser contado. Uma palavra solitária na imensidão da página, pode ali permanecer, ficar suspensa de significado, ou criar aberturas para distintas leituras. Desenhos, pensamentos, perguntas, memórias, cores e traços, se misturam nas páginas em branco, criando aberturas e possibilidades.

Mas os cadernos habitam também as mochilas de crianças e jovens estudantes. Objeto comum, habitante rotineiro das escolas e responsável por carregar uma infinidade de palavras, traços e desenhos. Uma aglomeração de explicações e buscas infinitas por números escondidos, perguntas e cálculos. Companheiro diário, suas páginas são preenchidas de tentativas e elaborações de pensamentos. Páginas e páginas de cópias dos escritos da lousa. Argumentos e pausas. A espacialidade da folha e as primeiras subversões: a ousadia de não copiar a matéria. Subverter a linha reta, que oprime o gesto.

A pesquisa se dá, não somente através da imagem do caderno, mas principalmente como suporte e fundamento de um processo investigativo que não visa se fixar em certezas, nem explicações. O caderno se apresenta como um espaço de experimentação, no qual o fazer artístico é exposto como modo vital de pesquisar. Ele nos remete aos desvios e subversões de rastros de acontecimentos vividos, imagens poéticas, rompantes, tentativas, experimentações, memórias e invenções, desviando da rigidez do que já está determinado, do definitivo. Neste caso, a dissertação se constrói sobre esse suporte afetivo, que é atravessado pelos acontecimentos, gerando impulsos, esboços, tentativas e possibilidades poéticas. Um suporte para uma pesquisa viva, em processo, em movimento. Uma pesquisa como dança.

Mas como inserir o corpo na escrita e na pesquisa? E como fazer uma pesquisa poética, como dança, no campo da Educação? A busca por uma resposta envolve alguns desafios, mas com a certeza de que não há e nem deve haver uma resposta única. A provocação está relacionada ao desafio de responder as perguntas com novas perguntas que se apresentam: Se escolho a pesquisa como dança, qual dança seria? Quais relações conceituais seriam criadas? Enquanto danço a pesquisa, conceitos podem ser elaborados? Eles se inter-relacionam com os gestos criados nos ensaios, nas composições coreográficas e na investigação através do movimento dançado? Percebo no corpo as reflexões dos textos estudados e das partilhas de experiências, assim como a dança provoca a escrita. Seria, então, a dança um modo de pensar? O que é pensar? O que é reificar o conhecimento, dar sentido a

ele?

Se o caminho é fazer uma pesquisa como dança, é preciso buscar na dança, suas próprias reflexões. E para isso, é necessário mais uma pergunta para a provocação inicial: o que é dança? Perceber o peso e deixá-lo desaparecer, mesmo que por um instante fugaz e fictício? Desbravar paisagens no corpo? Inventá-las? Aterrorar os pés no solo? Equilibrar e desequilibrar? Improvisar? Rodar a saia e girar sobre o eixo? Sacudir e soltar a musculatura? Ir até o chão? Deslizar sobre ele? Dobrar os joelhos e “requebrar” os quadris? Rebolar? Saltar? Pular? Parar? Sustentar-se nas pontas dos pés? Coreografar? Reverenciar? Ritualizar? Ficcionalizar? Criar textura, volume, história, geometria, ventania, passado, memória, rastro?

Ao tentar responder essas perguntas, novos caminhos são construídos, e neles, visitas se apresentam. Com José Gil me aventuro em um caminho investigativo/poético a partir da ideia de que dança é “[...] de início obra de seres que andam e pesam sobre um solo.” (GIL, 2004, p. 19). Faz tempo que admiro essa imagem que Gil nos convida a habitar. Ao me deparar com ela, imagens dançantes surgem no pensamento, além de perceber meu próprio peso, afirmando minha presença sobre a terra. A imagem que Gil propõe, me convida ainda a lembrar dos bichos que rastejam, que saltam, andam vagarosamente, se escondem, correm e se enterram.

Daí percebe-se um desejo sutil: tecer narrativas e conexões. Colocá-las para dançar, assim como as palavras que caem ao chão. “Porque também as palavras tomam suas decisões e, em algumas ocasiões, nos convidam a dançar com elas” (SKLIAR, 2014, p. 29). Processo rítmico, que acontece na dinâmica do movimento através dos saberes do corpo que criam as bases necessárias para apoiar-se, e assim como na pesquisa, elaborar-se, pensar-se. A pesquisa-corpo habita o chão como terreno da vida, percurso, história e memória. E também um chão-superfície, que nos sustenta como seres terrestres e gravitacionais. A pesquisa percorre solos, nos quais podemos aterrar, adentrar, aprofundar, mas também deslizar, deitar, rolar, tornar-se um corpo que ocupa a horizontalidade, e com ela reparte-se em possibilidades diversas de atenção (BARDET, 2014). Habitar o chão e confundir-se com ele: “Serei eu que rolo sobre o solo, ou o solo que me embala e me faz deslizar?” (BARDET, 2014, p. 142).

Serei eu que rolo sobre a pesquisa, ou a pesquisa que me embala e me faz deslizar? Será que nós nos embalamos como num emaranhado de linhas e amontoados de forças que dançam juntas? Uma pesquisa-vida (GODOY; RAMALLO; RIBEIRO, 2022), assim como uma vida-obra? Arte-vida? Mergulhada na construção de uma pesquisa que narra, como não torná-la dançante, poética? A pesquisa que traz como fundamento a vida vivida, traz a arte como presença essencial para os caminhos de criação. No caso desta pesquisa como dança, não seria possível realizá-la sem o processo criativo artístico, que parte da experiência do/no corpo, através das vivências e dos acontecimentos. Nesta pesquisa, dançar [...] é inaugurar no corpo uma ideia de dança. Uma ideia de dança contemporânea é aquela que ainda e sempre não decidiu o que a dança é e, assim, o que ela deve ser. (ROCHA, 2016, p. 31).

Adentrando nas possibilidades de inauguração de ideias de dança, fui compondo gestos e movimentos em salas de ensaio juntamente com o ato da escrita. Um ambiente de ensaio foi criado como rotina de pesquisa, proporcionando uma prática que se move a partir do seu próprio acontecimento, pautada nas necessidades corporais e em como as percepções de si podem sugerir caminhos investigativos, tanto para a saúde, quanto para a criação artística da pesquisa, através da prática do improviso em dança. Ela estava relacionada diretamente com uma descoberta, mesmo que houvesse algum tipo de planejamento, estava aberta às necessidades do corpo e dos desejos inventivos que apareciam durante os ensaios. A proposta se dava, então, em uma prática/ensaio, que se iniciava ao acordar ou até mesmo anterior a ele - antes de levantar, deixar os olhos se abrirem com calma e tocarem as coisas - até tomar café, preparar o espaço, aquecer, improvisar e escrever.

Os escritos se tornaram fragmentos de ensaios que compõem a dissertação/caderno, não somente como registro, mas como um processo que se desnuda e que dele surgem elaborações e fundamentos importantes para uma pesquisa como dança. Através deles, a pesquisa inaugura um pensamento-ensaio, como abertura para o que pode vir a ser, como um modo de pensar intimamente ligado à invenção e ao pensamento poético (ANTÔNIO, 2009). Dentro da sala de ensaio, outros modos de agir se fazem presentes, modos que podem desviar das ações mecânicas e de tempos acelerados. Um tempo que permite deformação, desaceleração e uma gestualidade que rompe com lógicas utilitárias e apressadas. Nos ensaios inauguramos gestos, danças, ideias e modos de criar. Coletivamente ou na solitude, nos envolvemos com os não saberes, que nos impulsionam para ações inventivas. A dança, na sua ampla potencialidade e diversidade, possibilita adentrar em processos contínuos, que parecem estar associados com modos de existir no mundo.

Dançar é um modo de conhecer e um modo de produzir conhecimento. Dançando nos deparamos com os mistérios da existência e elaboramos nossa presença no mundo, como seres responsáveis por ele. A dança possibilita uma educação sensível, desde o corpo, afirmando-o em sua inteireza. Foi através do movimento dançado e da arte, que pude cambalear e duvidar das precisões exacerbadas, das durezas de alguns gestos, pensamentos e certezas, que paralisam e violentam as subjetividades. Foi através dessa experiência, de dançar a pesquisa, que descobri minhas capacidades poéticas na escrita e da vontade de desbravar ainda mais meu modo de ser no mundo, como artista/professora – professora/artista. A pesquisa se deu através de buscas e descobertas, tornando-a impulso para novas possibilidades de pesquisa. Uma pesquisa como dança finaliza seu processo de criação em escrita e nos gestos dançados, mas continua em movimento, como um gesto infinito, cambaleante, contínuo e vibrante.

Referências Bibliográficas

ANTONIO, Severino. **Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento: diálogos com Prigogine, Morin e outras vozes**. São Paulo: Paulus, 2009.

- BARDET, Marie. **A filosofia da dança: um encontro entre dança e filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- COTRIM, Cecília; FERREIRA, Glória (org.). **Escritos de Artistas - Anos 60/70**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- GIL, José. **Movimento Total**. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- GODOY, Rossana; RAMALLO, Francisco; RIBEIRO, Tiago. INVESTIGACIONES-VIDAS EN EDUCACIÓN: conversar, escuchar y constelar. No prelo, **Revista Teias**. 2022.
- MARTINS, Daniel Ganzarolli e SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de. Um ambiente-escola entre poéticas, narrativas e experimentações. **Educar em Revista**. [online] 2021, v. 37. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.78242>.
- ROCHA, Thereza. **O que é dança contemporânea? Uma aprendizagem e um livro de prazeres**. Salvador: Conexões Criativas, 2016.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.
- SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem: educar**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.